

²⁰ Id., *ibid.*, p. 61 e ss

²¹ Id., *ibid.*, p. 64s

²² Cf F.F.BRUCE, *João, Introdução e Comentário*, Ed. Vida Nova, SP, 1987 (trad.), p. 80

²³ R.BROWN, *op. cit.*, p. 140

²⁴ Id., *ibid.*, p. 140

²⁵ Deus é *Espírito*, e não: "um espírito perfeitíssimo", como dizia o nosso velho Catecismo. Isto é, Deus não é "um espírito" entre outros, mesmo sendo "o mais perfeito", mas é "*Espírito*", que é como João define a divindade. Com razão o adverte DODD (cf *A Interpretação do Quarto Evangelho*, ed. Paulinas, SP, 1977, trad., p. 303), explicando: "Para expressar a fórmula trinitária ele fala, não de *Pai, Filho e Espírito*, mas de *Pai, Filho e Paráclito*, ficando o termo *pneúma* reservado à divindade como tal (cf Jo 4,24). *Espírito* indica a realidade ou o Ser absoluto, realidade poderosa e vivificante, em contraste com a impotente *carne/sárks*. Por isso é que o único caminho para o homem elevar-se da vida inferior à superior é *nascer do Espírito*, que é também *nascer de Deus* (cf Jo 3,5 e 1,13 !)

²⁶ Id., *ibid.*, p. 140

²⁷ Cf DE LA POTTERIE, *op. cit.*, p. 69s

²⁸ R.BROWN (*op. cit.*, p. 144) se pergunta se João, mencionando o Espírito depois da água, não estaria pensando na comunicação do Espírito através do batismo. Acontece que os dois substantivos estão coordenados com uma só preposição, conferindo unidade, não subordinação, à ação da água e do Espírito. Por sinal, a tradução literal da formulação grega é a seguinte: *nascer de água e Espírito...*

²⁹ DE LA POTTERIE (*op. cit.*, p. 72s, reporta um caso típico de interpretação ritualista de Jo 3,5, nas chamadas *Pseudo-Clementinas*, um texto do século IV, no

qual o autor simplesmente omite a menção do Espírito (!): "Em que contribui a água do batismo para o culto de Deus? Primeiro, cumpre-se o que Ele mandou; segundo, tendo alguém sido regenerado das águas e renascido para Deus, supera-se a fragilidade do primeiro nascimento e afinal se pode alcançar a salvação, impossível de outro modo. Pois assim o 'verdadeiro Profeta' atestou: *Quem não renascer da água, não entrará no Reino dos céus!* Por isso, apressai-vos, pois nestas águas está a virtude da misericórdia que *no início pairava sobre as águas...* Acorrei, portanto a estas águas, pois só elas podem extinguir a violência do futuro fogo... (*Recognitio* 6,9, in PG 1,1352)

³⁰ Ou tratar-se-ia, e é mais uma possibilidade que ainda não mencionei, levantada por X. LÉON-DUFOUR (*op. cit.*, p. 225) e outros antes dele, de uma *hendíade*, que poderíamos traduzir assim: "da água do Espírito", ou: "da água que é o Espírito". Isto nos levaria ao texto de Ezequiel: *Derramarei sobre vós uma água pura... infundirei em vós um espírito novo.. o meu Espírito...* (cf Ez 36,25-27)

³¹ X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, p. 256-258

³² Veja o artigo de H.RIBEIRO, *Jesus Cristo, o Salvador Único e Universal*, neste número de nossa revista, p.p 3-5

³³ Cf as quatro dimensões da Evangelização, segundo o Projeto da CNBB em preparação para o grande Jubileu

Endereço do Autor:

ITESC - cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

Cristo, Fé e Batismo

Batismo e Missão

Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Professor de Liturgia

A missão compete a todos os cristãos, afirma João Paulo II em sua Encíclica "*Redemptoris Missio*" (RM 2). É tarefa comum a todos os fiéis, exatamente porque tem como primeiro fundamento os sacramentos do batismo e da confirmação. Infelizmente, porém, enfoques teológicos unilaterais, no passado, transformaram o batismo em sacramento para o ingresso no céu, esquecendo que, antes de tudo, é porta de entrada na Igreja. Em detrimento das dimensões eclesial e histórica, acentuou-se exageradamente o aspecto transcendente, escatológico do batismo. Por conse-

guinte, a ação pastoral se preocupava em batizar o mais rapidamente possível para "garantir" a salvação, olvidando que a salvação futura constitui o final feliz para quem, nesta vida, viveu comprometido com Cristo e com a humanidade.

O objetivo deste estudo é analisar aspectos fundamentais da relação batismo-missão, percorrendo os textos da Sagrada Escritura assim como foram acolhidos e vividos pela experiência multissecular da Igreja e recolhidos pela reflexão teológica de todos os tempos. Como se trata, apenas, de um estudo, não é possível ir fundo nas questões como seria desejável e, até mesmo, oportuno. Mais do que afirmações con-

clusivas, oferecemos elementos para uma reflexão teológico-pastoral, na certeza de que você, caro leitor, será impelido pelo Espírito a acolher o amor de Deus por ele derramado em nossos corações (Rm 5,5)

1. BATISMO E MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO

A dimensão missionária do batismo está intimamente relacionada com a pregação que prepara o novo povo de Deus para a conversão e a inserção na comunidade eclesial.

Já no anúncio do nascimento de João Batista, o Precursor é apresentado como aquele que *caminhará à frente do povo* com o espírito e o poder de Elias, a fim de libertar os corações e preparar para o Senhor um povo bem disposto (Lc 1,17). A libertação do coração – cujo sinal é o batismo – constitui passo indispensável para que o povo esteja bem disposto, isto é, para que possa realizar sua vocação de povo missionário, fermento da vida nova entre os demais povos.

Em vista dessa missão, João Batista reúne o povo no deserto (Mt 3,1), e prega um batismo para a remissão dos pecados (Mc 1,5.14-15; Lc 3,13). Com esse batismo de conversão Jesus também se solidariza (Lc 3,22), pois a conversão e a missão são oferecidas a todos (Lc 3,12-14; At 19,1-6), uma vez que este é o desígnio do Pai (Jo 3,16).

No amplo contexto do Reino de Deus, os que aderem a Jesus pela conversão são convidados à missão, dado que a todos Deus chama para o reino de sua glória (1Tm 2,3). Estão próximos do Reino os que aceitam Cristo (Mt 4,17). A missão dos que querem ser discípulos é anunciar o Reino (Mt 10,7), buscar o Reino e sua justiça (Mt 6,33), conhecer os mistérios do Reino (Mt 13,11) que está dentro de cada um (Lc 17,21), produzir frutos de santidade (Mt 13,19.38) e tomar cuidado para que, tendo-o anunciado aos outros, não o venham a perder (Mt 21,43).

Nos Atos dos Apóstolos, os primeiros discípulos convertidos ao Senhor Jesus e em seu nome batizados (At 2,38; 8,16.38), viviam o testemunho diário evangelizador como fermento na massa (At 2,42-46; 4,32-35) e levavam adiante essa Boa Notícia à medida que se dispersavam (At 8,4). Toda a pregação dos Apóstolos, resumida nos Atos, constitui testemunho vivo da dimensão missionária do batismo.

Paulo, em suas cartas, não separa jamais o dever missionário da celebração do batismo e da salvação eterna. Antes, a salvação eterna decorre da vivência individual e comunitária da fé baptismal. A salvação acontece por meio da pregação – palavra – e da conversão – batismo –, ambas necessárias para aderir a Jesus (Rm 10,9-10. 14-19). Por isso, é preciso enviar pregadores (Rm 10,15) que reconciliem todos em Cristo (Rm 5,1-11), uma vez que, mortos

em Adão, somos salvos no Senhor (Rm 5, 12-19; 8,28-30; 6,1-11; 11,16-24) e formamos a comunidade dos salvos, como membros de um Corpo (Rm 12,4-5; 1Cor 12,12-27; Ef 4,1-6). Paulo, portanto, se entrega à obra da evangelização como exigência de sua conversão, dado que foi escolhido (At 9,15) para anunciar o Evangelho a todos, quer agrade, quer desagrade (1 Tm 4,2), e esta missão é para ele particularmente grave (1Cor 9,16).

Pedro chama os cristãos de “pedras vivas” que devem contribuir conscientemente para a edificação da “casa de Deus” (1Pd 2,4-10). O Apocalipse apresenta a grande multidão dos que lavaram as vestes no sangue do Cordeiro, isto é, os que deram testemunho de sua fé baptismal até a morte (Ap 7,14), uma multidão de todas as nações e tribos (Ap 7,9), para o louvor de Deus e do Cordeiro (Ap 19,1-7).

Como se pode perceber, o Novo Testamento não situa o batismo apenas em dimensão escatológica, mas, ao contrário, o insere no contexto da missão, no tempo da Igreja, no testemunho diário, na fidelidade a Cristo. O batismo, portanto, introduz o cristão numa comunidade missionária: nela, vivendo e testemunhando sua fé, alcançará a vida plena, quando o Senhor vier para julgar os vivos e os mortos.

“Toda a pregação dos Apóstolos constitui testemunho vivo da dimensão missionária do batismo”

2. A EXPERIÊNCIA DA IGREJA

2.1. A Igreja primitiva

Nos autores dos primeiros séculos, as reflexões sobre o batismo encontram-se, em geral, inseridas no contexto da moral cristã ou nas considerações sobre a dimensão comunitário-eclesial da fé. Vejamos, ainda que rapidamente, alguns textos.

Para o autor da *Didaqué* (90-100) o batismo é causa de purificação. Por meio dele, o homem se torna participante da comunidade eclesial. Pela fé, o cristão se compromete a seguir o caminho da vida. Pode-se compreender toda a moral cristã como uma resposta de vida ao compromisso baptismal. Toda a comunidade se envolve no processo catecumenal, inclusive jejuando com os catecúmenos em preparação ao batismo.

Inácio de Antioquia (+ 110) lembra a tipologia judaica e a teologia do Novo Testamento, conferindo ao batismo um caráter de martírio e insistindo na sua

dimensão comunitária e eclesial, a partir da união com Cristo.

Hermas (m/m 160) ensina que o batismo tem como efeito principal a presença especial de Deus, que exige total fidelidade. Pelo batismo, fazemos parte da construção da Igreja, o Corpo de Cristo.

O texto "Odes de Salomão" (2ª metade do século II), ao propor uma catequese mistagógica fundamentada nas tipologias do Antigo Testamento, insinua a relação entre batismo e Igreja.

Passando dos Padres Apostólicos para os Apologetas, percebemos que a doutrina sobre o batismo vai-se consoli-

dando. Justino (+ 163) confessa ter recebido da tradição dos Apóstolos as instruções sobre o batismo; lembra a necessidade da catequese prévia, da conversão, do jejum, insistindo na inserção do batizado na comunidade dos irmãos e em sua participação na Eucaristia.

"O processo da iniciação cristã é descrito como iluminação, regeneração e banho"

participação na Eucaristia.

Irineu (+ 202) ensina que pelo batismo recebemos o Espírito Santo para construir a unidade da Igreja. A Eucaristia constitui o fundamento do novo nascimento.

Clemente Alexandrino (+ 215), no seu livro "Pedagogo", apresenta uma catequese mistagógica, que insere o batizado na comunidade. O processo da iniciação cristã é descrito como iluminação, regeneração e banho. Através dele, uma vez iluminados, passamos a viver na comunidade dos filhos de Deus.

Tertuliano (+ 220) insiste sobre a necessidade do batismo para pertencer à comunidade dos salvos em Cristo. Pelo batismo, somos incorporados a um único Deus e a uma única Igreja, convocados a formar um único povo, com o qual Deus sela sua Aliança.

Hipólito de Roma (160-235), em sua "Traditio Apostolica", descreve o catecumenato em todas as suas etapas e distingue claramente os três sacramentos da iniciação cristã como etapas da plena inserção do catecúmeno na comunidade eclesial.

Para Orígenes (184-254), o catecúmeno já pertence à Igreja pela disposição interior, faltando-lhe apenas "passar o Jordão" (o batismo), para completar o novo nascimento e entrar visivelmente na Igreja. O batismo é necessário para o ingresso no Reino de Deus.

Na questão sobre o "rebatismo" dos hereges e dos cismáticos convertidos, Cipriano (+ 258) focaliza a unidade da Igreja e seu poder de administrar os sacramentos. O batismo insere o cristão na comunidade eclesial; os hereges põem-se fora dela.

2.2. Os Santos Padres

A formulação sacramental é obra, em particular, dos Santos Padres. Os Apologetas delinham facetas da teologia do batismo; os Santos Padres enfocam a dimensão sacramental dentro de um quadro mais completo.

Cirilo de Jerusalém (+ 386) propõe uma teologia do batismo essencialmente cristológica e eclesiológica. O batismo insere o cristão na comunidade eclesial, fazendo-o participar da nova aliança de amor selada entre Cristo e a Igreja.

Ambrósio (+ 397), ao descrever os vários ritos do batismo, usando a tipologia dos fatos salvíficos, afirma que a história da Igreja, desdobrada no batismo, constitui a realização ativa da presença salvadora de Deus em cada ser humano. Situa a sacramentalidade do batismo no âmbito da liturgia da Igreja.

Agostinho (354-430) desenvolve amplamente a teologia do batismo em sua polêmica com os donatistas e os pelagianos. Afirma que Cristo é o ministro verdadeiro do batismo, defende a dimensão objetiva do sacramento, a universalidade do pecado original, a necessidade da fé, o batismo como sacramento, a transformação do ser humano pela graça batismal, a relação entre batismo e fé, a necessidade do batismo.

Em relação à incorporação à Igreja, Agostinho é categórico: O batismo de Cristo de tal modo agrega a pessoa à Igreja que aquele que se deixa batizar fora dela, ao reencontrar-se com a Igreja da unidade e do amor, não deve ser rebatizado, porque o batismo de Cristo é único e por ele a Igreja nos gera para Ele. A unidade de Deus transparece na unidade de amor da Igreja, através do único batismo que realiza inteiramente a obra de nossa redenção. Seguindo essa argumentação, Agostinho defende a prática do batismo de crianças: libertadas do pecado original pela graça de Cristo, elas são reconciliadas com Deus e unidas ao Corpo de Cristo, que é a Igreja.

2.3. A vivência litúrgica, os Sínodos e os Documentos

A dimensão comunitário-eclesial do batismo é igualmente posta em evidência pela prática litúrgica da Igreja e particularmente, pelo catecumenato. O mesmo acontece com os Sínodos e os documentos oficiais do Magistério nos primeiros séculos. O batismo é visto como porta de entrada na Igreja, a comunidade dos que crêem no Cristo. Tal é a finalidade imediata do batismo e o primeiro fruto da regeneração e da iluminação da graça. Nessa comunidade, vivendo os ensinamentos do Senhor e testemunhando o seu Evangelho, os fiéis encontram o caminho da salvação definitiva.

A Igreja primitiva sempre acentuou a importância da realidade histórica do homem, do seu "aqui

e agora" mesmo em meio às tendências milenaristas. A relação batismo-missão foi especialmente ressaltada. O batismo coloca o cristão em "estado de missão" na Igreja e no mundo. Ser fermento, sal e luz, eis o desafio que espera aquele que foi iluminado e regenerado pelo batismo. O modo de agir cristão está essencialmente fundamentado no caráter batismal.

2.4. A sistematização da Doutrina na Idade Média

A teologia medieval e particularmente a doutrina do Concílio de Trento vão se preocupar com ressaltar a dimensão escatológica do batismo, isto é, sua relação com a salvação eterna. A dimensão comunitário-eclesial e a perspectiva histórica da vida e da moral cristã passam para segundo plano.

2.5. Magistério atual

O Concílio expõe a doutrina sobre o batismo dentro do contexto da História da Salvação (*Lumen Gentium* 7). O batismo nos une a Cristo em seu Corpo Místico (*Lumen Gentium* 16). Assim nos configura com Cristo porque todos somos batizados num só Espírito para formar um só corpo (I Cor 12,13). Pelo batismo se realiza a união com a morte e a ressurreição do Senhor (Rm 6, 4-5; *Lumen Gentium* 7; *Ad Gentes* 36). Essa participação não se restringe a algo meramente interior, mas implica uma "adoção de filhos", pela qual os fiéis são configurados a Cristo, em sua morte e ressurreição (*Unitatis Redintegratio* 22; *Ad Gentes* 14).

Pelo batismo somos, pois, membros do Cristo e participamos do novo povo de Deus (*Apostolicam Actuositatem* 3; *Lumen Gentium* 31): Dessa forma somos delegados para o culto (*Lumen Gentium* 11). Pela fé e pelo batismo, a Igreja gera para uma vida nova e imortal os filhos concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus (*Lumen Gentium* 64; *Ad Gentes* 21). Morremos para o pecado e nos consagramos a Deus (*Lumen Gentium* 44). Somos gerados para a vida de filhos de Deus (*Lumen Gentium* 28) ao recebermos o Espírito de filhos da adoção e somos introduzidos no mistério do amor de Deus, que nos chama a uma comunhão pessoal com ele, no Cristo (*Lumen Gentium* 13).

Chamada a ser sal e luz em vista da restauração da humanidade em Cristo (*Ad Gentes* 1), a Igreja cumpre sua missão pelo empenho dos seus filhos, pelo testemunho de sua vida, pela sua presença transformadora (*Ad Gentes* 5). O batismo, como porta da Igreja (*Ad Gentes* 7), faz dos cristãos membros ativos e conscientes dessa missão.

Solidária com a humanidade (*Gaudium et Spes* 1), a Igreja, por intermédio de seus filhos, feitos conforme a imagem de Cristo pelo batismo e fortalecidos pela unção do Espírito Santo (*Gaudium et Spes* 22), luta em meio a muitas tribulações por um mundo novo, por novos céus e nova terra (*Gaudium et Spes* 39). João Paulo II enfatiza essa presença da Igreja no mundo, quando afirma: "A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, particularmente, do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e a experiência da humanidade inteira para o mistério do Cristo" (*Redemptoris Missio* 4).

Pelo batismo, os fiéis participam da missão da Igreja (*Apostolicam Actuositatem* 2), pois, inseridos pelo batismo no Corpo Místico do Cristo e robustecidos na força do Espírito Santo pela confirmação, recebem do próprio Senhor a delegação ao apostolado. Impõe-se, pois, a todos os cristãos, o dever de colaborar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e acolhida por todos os homens em toda a parte (*Apostolicam Actuositatem* 3). João Paulo II reforça esta afirmação conciliar, insistindo na necessidade de que todos os fiéis compartilhem tal responsabilidade não apenas como questão de eficácia apostólica, mas como um dever-direito fundado sobre a dignidade batismal (*Redemptoris Missio* 71).

O Concílio abre a comunidade eclesial para a realidade do mundo de hoje. Talvez como nunca, o aspecto pessoal e comunitário da fé é acentuado na teologia sacramental, em particular na teologia do batismo, como inserção na missão da Igreja. A fé, recebida como vida em Cristo pelo batismo, impulsiona a realizar a própria vida conforme o homem novo, no qual se converteu, na justiça e na santidade da verdade (Ef 4,22-24). O testemunho de vida e da palavra, ao qual está obrigado o cristão, tem origem em sua regeneração batismal (*Lumen Gentium* 11; *Gravissimum Educationis* 3; *Apostolicam Actuositatem* 11).

A Igreja deve encarnar-se, como Cristo, na realidade humana, a fim de levar a todos os povos a mensagem do Evangelho. Os fiéis participam ativa e conscientemente dessa missão em decorrência do batismo (*Lumen Gentium* 11). Tudo o que é verdadeiramente humano deve fazer parte das preocupações da Igreja e de cada cristão, em vista da transformação de tudo em Cristo.

3. DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA INICIAÇÃO CRISTÃ

A unidade entre os sacramentos do batismo, crisma e eucaristia, é fundamental para que se compreenda a participação no mistério pascal do Cristo como um processo teológico, sacramental e existen-

"Pelo batismo, os fiéis participam da missão da Igreja"

cial. Enquanto esses sacramentos foram celebrados gradualmente, como etapas de uma realidade maior, o mistério pascal, que iniciava com a adesão a Cristo pelo batismo, passando pelo testemunho consciente e responsável da fé na confirmação, para atingir a plena vivência com a participação na eucaristia, a iniciação mantinha a indispensável unidade e a seqüência teológica. Quando eles começaram a ser celebrados separadamente, quase como realidades estanques, a separação cronológica acabou por criar um hiato teológico, particularmente entre o batismo e a confirmação.

A unidade dos três sacramentos não é, pois, apenas uma questão litúrgica: batismo, crisma e eucaristia se fundamentam sobre a unidade do mistério pascal. Constituem ritos significativos e operativos do mesmo mistério salvífico, destinados a realizar, de modo progressivo, a plena configuração com Cristo, na Igreja.

A confirmação constitui a segunda etapa desse caminho. Não significa que o batismo, por si só, seja incompleto, imperfeito, mas que tem necessidade de complemento ritual explicativo e simplificador do seu próprio conteúdo. O mistério do batismo é de tal modo profundo que precisa ser desdobrado, a fim de poder ser plenamente assimilado. A esse desdobramento, que mais tarde dará origem a outro sacramento, a confirmação, se atribui duplo efeito: no plano objetivo, o dom do Espírito Santo; no plano subjetivo, a maturidade e o aperfeiçoamento espiritual.

Batismo e confirmação são, pois, complementares na construção do "ser cristão". Não devemos perguntar o que a confirmação traz de novidade, ou o que acrescenta, em relação ao batismo, mas antes, quais aspectos da realidade pascal, eclesial e humana põe em evidência, uma vez que a presença e a ação do Espírito não atingem apenas os indivíduos, mas também a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões (*Redemptoris Missio* 28).

Batismo - o novo homem que devemos ser em Cristo; Crisma ou Confirmação - o testemunho que devemos dar pela força do Espírito; Eucaristia - a comunhão que devemos assegurar no Espírito: acolhido pelo Espírito, no batismo, o ser humano se torna nova criatura. Pela confirmação, o Espírito Santo, protagonista de toda a missão eclesial (*Redemptoris Missio* 21), faz com que este novo ser se desenvolva em vista da plena realização do Reino. Essa comunhão escatológica já é prefigurada e antecipada na eucaristia.

Desse modo, as realidades que se fundamentam nos sacramentos da iniciação cristã devem ser vistas e analisadas no seu conjunto. Batismo, crisma e eucaristia são dimensões de uma realidade única. Três modos de participação na aliança com Deus, em Jesus Cristo. O batismo nos introduz. O Espírito,

conferido na crisma, é o Espírito da nova aliança. A eucaristia é a atualização plena da nova aliança.

Páscoa e Pentecostes: dois pólos do único mistério pascal de Jesus Cristo. No sacramento da confirmação, o Espírito Santo não realizará algo diferente do que já realizou por ocasião do batismo. Enquanto lá, no batismo, gerou a vida nova, aqui, na confirmação, recorda este compromisso, ajuda o cristão a testemunhá-lo, e o conduz à plena verdade, revelando a profundidade do amor do Pai para com os seres humanos, em Jesus Cristo. De Jesus tudo recebe, e por ele tudo nos dá.

4. SÍNTESE TEOLÓGICO-PASTORAL

Para entender o caráter missionário, a dimensão de "martyria", de testemunho, do batismo, é imprescindível, como vimos, que se mantenha sua estreita ligação teológico-pastoral com a confirmação. Neste sacramento, de modo particular, se explicita a missão do cristão na Igreja e no mundo.

Todos os temas relacionados à teologia do batismo jamais separam a vida nova, obra do Espírito, do compromisso moral e da vivência da fé, igualmente obras do Espírito. O mistério pascal do Cristo é causa e modelo da nossa passagem da morte para a vida (Rm 5,3-11).

O batismo insere no Corpo do Cristo para que o cristão seja seu membro ativo (1Cor 12,13). Ao falar dos deveres gerais dos fiéis e de seu compromisso moral, Paulo insiste em que foram lavados pelo poder regenerador e

renovador do Espírito (Tt 3,5). "Estar em Cristo", "viver segundo Cristo" é, inclusive, garantia da ressurreição (1Cor 15,22 ss.).

Todo batizado é, pois, morada do Espírito em vista da vida nova que deve frutificar em obras boas. O Espírito atesta que somos filhos de Deus (Rm 8,26), clama em nosso coração (Gl 4,6), ensina palavras de sabedoria divina (1Cor 2,13), penetra as profundezas de Deus (1Cor 2,10), suscita e distribui dons espirituais (Rm 8,5) em vista do testemunho cristão na Igreja e no mundo. No entanto, não há testemunho sem testemunha, como não há missão sem missionário (*Redemptoris Missio* 61). O Espírito age pelo batismo (Jo 3,5), a fim de que o cristão se abra às realidades divinas, fazendo nele nascer fé estável, frutuosa e plena liberdade (Gl 5,22-25; Rm 6,18-22).

A filiação divina coloca, pois, o batizado diante de uma série de funções e de responsabilidades na vida cotidiana. O imperativo ético é consequência

"O mistério do batismo é de tal modo profundo que precisa ser desdobrado"

lógica do indicativo sacramental. Vocação e missão. Todos os cristãos, onde quer que vivam, devem, pois, manifestar com o exemplo da própria vida e com o testemunho de sua palavra, o homem novo, Cristo, do qual foram revestidos no batismo (*Apostolicam Actuositatem* 11; *Lumen Gentium* 10).

A esse respeito, Maucyr Gibin comenta com muita propriedade: "Os cristãos iniciados são chamados a levar uma vida nova em que apareça, ao menos um pouco, a dimensão fundamental de salvos na esperança. Na convivência comunitária vai-se descobrindo a dimensão de amor a ser experimentada no contato com as pessoas. A experiência de fé se efetiva na vivência da fraternidade. A comunidade que vive na fé deve freqüentemente fazer experiência da convivência no amor"¹.

Do ponto de vista eclesiol gico, o batismo é o sacramento que constitui a Igreja. Celebrando o batismo, ela gera novos filhos e se edifica a si mesma. Revestido do Cristo (Gl 3,27-28; Ef 4,3-16), o cristão se empenha em tornar novas todas as coisas, por Cristo, com Cristo e em Cristo (Ap 21, 5), em vista do novo céu e da nova terra (Ap 21,1). A Igreja exprime essa indole missionária batismal atribuindo aos cristãos tarefas, ministérios e funções dentro e fora do contexto eclesial, preparando seus filhos para a evangelização e a transformação da sociedade (*Evangelii Nuntiandi* 60).

Não se compreende que um cristão não seja evangelizador. "Todo o povo de Deus - afirmava o Cardeal Suenens - em cada um de seu membros,   responsável por esta missão da Igreja... Pertencer   Igreja de Cristo  , ao mesmo tempo, uma graça e uma responsabilidade; é dever de cada cristão colaborar para a edificação da Igreja"². O mesmo Cardeal comentava mais adiante: "  da comunidade crist a como tal que devem brotar a luz que ilumina todo homem, o anúncio da Boa-Nova, o apelo para seguir Cristo, a proclamação da mensagem e das beatitudes. Pela vida e pela ação, pela existência segundo o Espirito, a comunidade dos fiéis se revela como sinal apresentado pelo novo Israel"³.

Em relação   fé, a atitude missionária constitui um ato de comprovação. Sem o testemunho, a fé   morta em si mesma (Tg 2, 20). Observa Gérard Fourez: "O rito sacramental confere a fé na medida em que ele transforma a comunidade e a faz tomar consciência de que ela pode realizar as libertações que tornarão visível a ação de Deus. A fé não é conferida por qualquer mecanismo mágico, mas para que o novo membro possa sentir, tocar, experimentar e descobrir o poder de Deus em ação na sociedade"⁴.

Os batizados pela regeneração e pela unção do Espirito Santo são consagrados como "casa espiritual" e sacerdócio santo para o culto cristão e para o anúncio de Jesus Cristo, luz dos povos. Por toda a parte devem dar testemunho do Cristo e explicar as razões de sua esperança (*Lumen Gentium* 10). Há, pois, um imperativo  tico, uma missão. Paulo afirma que os que fomos batizados no Cristo Jesus, fomos

batizados para participar de sua morte. Se com ele fomos sepultados pelo batismo foi para que, participando de sua morte, também vivamos uma vida nova com ele, que ressuscitou dentre os mortos para a glória de Deus Pai (Rm 6,3-4).

Nesse contexto Maucyr Gibin insere a dimensão política da fé, observando que "fé e política não se reduzem a uma atitude interna, mas que, a partir da conversão do coração e da descoberta da vida, se

manifestam em gestos, palavras e ações que testemunham a presença do Senhor, a força de sua mensagem e a atualidade de sua missão. F  política que, ultrapassando a interioridade, transborda como sinal. *F  política* que faz do cristão uma presença provocadora, questionadora para aqueles que ainda não fizeram tal experiência. *F  política* capaz de provocar o "vede como eles se amam"⁵.

São João exprime esse compromisso  tico-missionário com o verbo "permanecer". Jesus convida a permanecer nele, pois não se pode dar frutos separado dele (Jo 15,4-6). O Pai será glorificado pelos muitos frutos que o cristão produzir (Jo 15,8). Observar os mandamentos   permanecer nele (Jo 15,10). O discípulo de Cristo é escolhido para ir e produzir fruto: então, pode pedir tudo, inclusive a vida plena ao final da peregrinação terrena, que o Pai a conceder  (Jo 15,16).

Esse "permanecer em Cristo pelo Espirito" fundamenta, inclusive, a espiritualidade missionária. Afirma o Papa: "Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais nada, no viver em plena docilidade ao Espirito e em deixar-se plasmar interiormente por ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espirito. A docilidade ao Espirito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária" (*Redemptoris Missio* 87)

O seguidor do Cristo  , também, chamado a ser sal e luz (Mt 5, 13-16), devendo agir como Cristo, luz do mundo (Jo 8,12), revestindo-se das armas da luz (Rm 13,12), andando na luz (Jo 1,7), permanecendo na luz (Jo 2,10), produzindo, no dia-a-dia, os frutos da luz (Ef 5,9).

*"Todo batizado é,
pois, morada do
Espirito em vista da
vida nova que
deve frutificar em
obras boas"*

Gérard Fourez analisa, em dimensão comunitária, o compromisso de ser luz: "O mesmo acontece à comunidade cristã e a seu novo membro: em constante confronto com a opressão, com o pecado sob todas as formas, e com a morte, a comunidade cristã encontra sua esperança na fé que ela tem na ação libertadora de Deus simbolizada pela ressurreição de Jesus. É evidente que essa comemoração da ressurreição de Jesus, depois de sua paixão, só terá pleno sentido se a comunidade puder ser a luz de Cristo para seu novo membro"⁶.

O documento conciliar "Ad Gentes" afirma que toda a Igreja é missionária e que a obra da evangelização constitui um dever fundamental do povo de Deus (ibid. 35), um dever que compromete individual e coletivamente (*Evangelii Nuntiandi* 69). Evangelizar significa, ao mesmo tempo, graça e vocação, quer para a Igreja, quer para cada cristão (ibid. 14).

A missão de Jesus se prolonga, pois, na vida de seus discípulos (Mc 6,6-13). Graças à missão dos Apóstolos e da Igreja, a obra redentora de Jesus está destinada a alcançar toda a humanidade (Mt 28,19; Mc 16,15; At 1,8) e se desenvolve no espaço e no tempo através da ação de cada cristão, pelo testemunho cotidiano da justiça e do amor. Afirma Fourez: "A comunidade

cristã, a salvação e a libertação, que é sinal de ambas, não se dão automaticamente. Elas são partes integrantes de um combate pela justiça, no qual Deus, diante das forças do mal tradicionalmente representadas por Satanás,

"Evangelizar significa, ao mesmo tempo, graça e vocação, quer para a Igreja, quer para cada cristão"

toma partido a favor dos oprimidos. Não existe comunidade cristã e, portanto, batismo, sem essa marca⁷.

As vocações eclesiais, em sua diversidade e complementaridade, se fundamentam, em última instância, no sacramento do batismo, dom primordial.

A teologia e a pastoral dos ministérios eclesiais não podem ser desenvolvidas senão a partir do "sacerdócio comum dos fiéis", participação no único Sacerdócio do Cristo, mediante a graça do batismo.

CONCLUSÃO

João Paulo II ensina que a vocação universal à santidade está estritamente ligada à vocação universal à missão (*Redemptoris Missio* 90). Uma afirmação contundente. Em outros termos: para ser santo, é preciso cultivar profundo espírito missionário. Para a Igreja, que "se acostumou" a batizar em massa, e para nós, que freqüentemente nos "acomodamos", confiantes na eficácia salvífica do batismo, fica a pergunta: o que estamos fazendo com o nosso batismo? Vivemos tranqüilos na certeza da salvação garantida "ex opere operato", com o talento enterrado, seguro, ou nos inquietamos como Paulo, que exclamava: "Ai de mim se eu não evangelizar" (1Cor 9,16)? Devemos nos preocupar menos com a salvação futura e mais com o testemunho de fidelidade a Cristo no cotidiano de nossa vida, pois, somente então ouviremos do Divino Mestre: "Muito bem, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco, muito te darei. Vem, alegra-te com o teu Senhor" (Mt 25,21)

NOTAS

¹ Maucyr GIBIN, *É possível viver a fé hoje?* - A vida em Cristo e na Igreja, 3(1974), p 32.

² Cardeal. SUENENS, *Corresponsabilidade na Igreja de hoje* - ed. Vozes, Petrópolis, 1969 (trad.), p 34.

³ Id., ibid., p 125.

⁴ Gérard FOUREZ, *Os sacramentos celebram a vida* - ed. Vozes, Petrópolis, 1984 (trad.), p. 77

⁵ Maucyr GIBIN, ibidem, p 30.

⁶ Gérard FOUREZ, ibid., pp 79-80.

⁷ Gérard FOUREZ, ibidem, p. 79.

Endereço do Autor:

ITESC - cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

25 anos do ITESC

No dia 10 de janeiro do próximo ano, 1998, o ITESC estará completando 25 anos de existência oficial, por ato da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, constituída pelas 8 dioceses do Regional Sul IV, do nosso Estado de Santa Catarina. Como já alertamos no número anterior de nossa revista, a efeméride jubilar merece, com certeza, uma comemoração condigna, que deve constar de vários momentos e várias iniciativas, entre as quais queremos ressaltar o grande ENCONTRO CELEBRATIVO, a exemplo do que foi feito em 10-5-1993, por ocasião dos 20 anos. A data escolhida, que pedimos conste já de sua agenda, prezado ex-aluno e ex-professor, é a seguinte:

13 de maio p.f., quarta feira

Além dessa ocasião de conagração entre ex-alunos (quase 700, dos quais cerca de 330 ordenados Presbíteros) e ex-professores, com alunos e professores atuais, estamos prevendo também, em data ainda não marcada, uma SEMANA TEOLÓGICA ou "Seminário" sobre o ITESC e a Teologia em SC, ao longo destes 25 anos. Há muita coisa a recordar e analisar sobre este período significativo, marcado por tantas mudanças, e é preciso também identificar e prever os desafios, e preparar-nos para responder a eles, nesta virada de Milênio. Nesse sentido, pretendemos publicar um número extra de ENCONTROS TEOLÓGICOS, já o próximo, cujo o lançamento prevemos para setembro/outubro, contendo depoimentos e análises dos ex-alunos e ex-professores que se dispuserem - esperamos que muitos! - a colaborar. Será por certo um belo mutirão!